



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**SANDRA BRÉA ALVES DA SILVA**

**A DOMINAÇÃO MASCULINA NA MÚSICA “ESSE CARA SOU EU” DE ROBERTO  
CARLOS**

**CAMPINA GRANDE-PB  
2016**

**SANDRA BRÉA ALVES DA SILVA**

**A DOMINAÇÃO MASCULINA NA MÚSICA “ESSE CARA SOU EU” DE ROBERTO  
CARLOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística.

Orientador: Prof. Me. Marcelo Vieira da Nóbrega.

**CAMPINA GRANDE-PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como na eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586d Silva, Sandra Bréa Alves da  
A dominação masculina na música "Esse cara sou eu" de  
Roberto Carlos [manuscrito] / Sandra Bréa Alves da Silva. – 2016.  
30 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Prof. Me. Marcelo Vieira da Nóbrega,  
Departamento de Letras e Artes".

1. Análise do discurso. 2. Dominação masculina. 3.  
Representação da mulher. 4. Sujeito Social. I. Título.

21. ed. CDD 401.41

SANDRA BRÉA ALVES DA SILVA

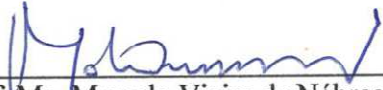
A DOMINAÇÃO MASCULINA NA MÚSICA “ESSE CARA SOU EU” DE ROBERTO  
CARLOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação em Letras da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito à obtenção do título de Licenciatura  
Plena em Letras, habilitação em Língua  
Portuguesa.


Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 27/05/2016

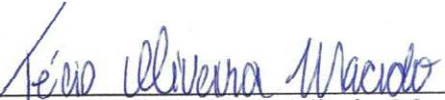
BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Marcelo Vieira da Nóbrega. (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: 9.0

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Telma Sueli Farias Ferreira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: 9.0

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Técio Oliveira Macedo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: 9.0

Média: 9.0



A meu esposo, pela dedicação, companheirismo e amizade. E a minha mãe Terezinha, minha maior incentivadora.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus em primeiro lugar que me permitiu chegar até aqui.

Ao professor Marcelo Vieira pela orientação e pela dedicação, paciência e tolerância.

A minha mãe Terezinha por seu incentivo e entusiasmo.

A minha irmã que sempre esteve pronta a me ajudar quando necessitei me ausentar do trabalho para ir à UEPB pela manhã.

À professora Telma coordenadora do TCC, que tão gentilmente se prontificou a participar da minha banca.

Ao professor Técio, que gentilmente também aceitou participar da banca.

À Dentista Rachel Ângela, minha patroa e amiga que sempre me dispensou do trabalho quando precisei.

Aos familiares e amigos que de longe ou perto sempre torceram por mim.

## A DOMINAÇÃO MASCULINA NA MÚSICA “ESSE CARA SOU EU” DE ROBERTO CARLOS

Sandra Bréa Alves da Silva

### RESUMO

Homem e mulher, juntos, são os responsáveis pela formação e organização da sociedade tal como a conhecemos hoje. Ao longo da história, foi se percebendo o predomínio da vontade do homem (masculino) sobre a natureza e nas relações sociais, e em especial, sobre a mulher. Desta dominação masculina, materializam-se diversas formas de superioridade, seja na arte, nas empresas, no lar, na música, sempre marcada na história, ora de forma mais aguda, ora de modo silencioso e até inconsciente. Nesta perspectiva é que se justifica a realização do presente trabalho, tendo como objetivo principal analisar a dominação masculina na música “Esse Cara sou Eu” de Roberto Carlos (vide anexo). Para isto, temos como premissa o sujeito discursivo representado na música objeto de estudo, que não é o cantor Roberto Carlos, mas um sujeito inserido na sociedade, participante de seus problemas e ações, que vive interpelado por outros discursos. Desta forma, analisamos a posição do sujeito locutor que fala e o sujeito interlocutor que se apresenta como ouvinte. No discurso do texto da música, o sujeito faz uma evocação baseada no discurso do amor carnal, mas também do amor romântico. O estudo se baseou na literatura acerca da Análise de Discurso Francesa, das representações sociais e da dominação masculina, tendo como referência os teóricos Orlandi (2012), Moscovici (1975; 2003) e Bourdieu (2011), respectivamente. Usamos do método dialético para dar sustento aos procedimentos usados, valendo-se ainda de uma pesquisa bibliográfica e histórica básica para melhor trabalhar os assuntos levantados. A partir da análise de discurso do texto e das interpretações feitas, foi possível perceber que a representação da mulher ainda se encontra fortemente relacionada com a dominação masculina. Apesar das conquistas, as mulheres ainda deixam em segundo plano, mesmo que implicitamente, seus desejos e vontades. Na medida em que o tempo passou, o homem se realizou social e historicamente, enquanto a mulher continua lutando por conquistas em espaços compartilhados com homens.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Representação da mulher. Dominação masculina. Sujeito social.

### INTRODUÇÃO

O homem e a mulher organizam a sociedade tal como ela é e conhecemos. Neste sentido, faz-se necessária uma pesquisa que discuta os indicativos de que ao longo do processo histórico evolutivo, o homem permanece líder do seu gênero humano, que ainda hoje consegue dominar e comandar toda a organização social. É nesta perspectiva que justificamos a realização do presente trabalho, que tem por objetivo analisar a dominação masculina na

música “Esse Cara Sou Eu” de Roberto Carlos (vide anexo), considerando o paradoxo que envolve a presença da mulher na sociedade e a sua real posição.

A organização do objetivo geral desta pesquisa nos levou a questionamentos que nos ajudaram a organizar a discussão. Neste contexto, se sobressaíram as seguintes questões: I) De maneira geral, como se inicia o processo de dominação masculina? II) Quais fatores determinaram a existência da dominação masculina e da submissão da mulher na música objeto do trabalho? III) O que justifica a submissão da mulher perante a dominação masculina?

Para responder a estes questionamentos buscamos repostas em teóricos relacionados à pesquisa de representações sociais (Moscovici, 1975; 2003), da dominação masculina (Bourdieu, 2011) e na Análise de Discurso (AD) de linha Francesa (Orlandi, 2012; Fernandes, 2007). Embasaremos nossos estudos para relacionar a dominação masculina e a posição dos sujeitos falantes com base na AD. Como objeto para a análise prática, usamos o texto da música “Esse Cara Sou Eu” de Roberto Carlos (vide anexo), na qual analisamos a relação dos sujeitos locutor e interlocutor, a fim de verificar como ocorre a dominação e como as marcas de discurso presentes contribuem para confirmá-la.

Para dar suporte à realização deste trabalho, o método de procedimento escolhido foi o dialético, o qual se sustenta em quatro leis fundamentais, segundo Lakatos (2003, p. 100): ação recíproca, mudança dialética, passagem da quantidade à qualidade e interpenetração dos contrários. “Para a dialética, [na ação recíproca] as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está ‘acabada’, encontrando-se em vias de se transformar, desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo de outro” (op. cit., p. 101). Ou seja, tanto a sociedade e os objetos quanto os fenômenos da natureza e os seus processos estão ligados entre si, criando uma relação de interdependência e reciprocidade que vai levar “à necessidade de avaliar uma situação, um acontecimento, uma tarefa, uma coisa, do ponto de vista das condições que o determinam e, assim, os explicam” (op. cit., p. 102). Na interpenetração dos contrários “os objetos e os fenômenos da natureza supõem contradições internas, porque todos têm um lado negativo e um lado positivo, um passado e um futuro; [...] a luta entre o velho e o novo, [...] entre o que perece e o que evolui” (op. cit., p. 105). Essas contradições são princípio de desenvolvimento e movimento.

O caminho metodológico para realização do presente trabalho ainda esteve consubstanciado em pesquisa bibliográfica e histórica. Estas estiveram canalizadas por consultas em livros relevantes que tratam dos temas levantados no presente trabalho. Desta forma, organizamos a discussão teórica primeiramente em volta das relações evolutivas pertinentes na sociedade segundo Moscovici, da dominação masculina segundo Bourdieu e da

Análise do Discurso de linha Francesa. Num segundo momento expomos a análise da música objeto do trabalho. E por fim acrescentamos as considerações finais do estudo.

## **1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1.1 O homem e a natureza**

Na sociedade, homem e mulher tem papel crucial para a melhor organização das relações sociais e das instituições, cada um com sua relevância, implicando em maior ou menor domínio dos recursos ofertados pela natureza. Sabendo que a sociedade resultou de um processo de construção social, o homem foi se separando do mundo animal, predominantemente instintivo, passando a dominar sobre outras espécies e de um modo mais específico sobre o gênero feminino.

Segundo Moscovici (1975, p. 7) “a procura daquilo que constitui o próprio do homem, a ruptura da sociedade e da natureza, a relação de exclusão pela qual se demarcam seus domínios exclusivos desempenham papel capital.” A afirmação nos mostra que o homem para dominar, aprendeu a dividir e excluir para se organizar em sociedade, e ao passo que vai separando as coisas percebe que “a sociedade é o domínio dos homens, a natureza, o das coisas”. Neste contexto de dominação, o homem passa a orientar os passos dos que lhe seguem, mediante o apelo apreendido do modelo de sociedade primitiva.

A organização da sociedade surgiu a princípio da natureza, quando ao observá-la, o homem passou a separá-la em unidades. Moscovici (op. cit., p. 16) deixa claro “as leis da hereditariedade e da seleção natural presidiram à transformação de seus órgãos, da mão e do cérebro, e o [homem] preparam para se adaptar ao meio”. Esta afirmação nos leva a acreditar que para sobreviver os homens aprenderam a utilizar primeiro as artimanhas da natureza, desenvolvendo habilidades que permitiram a formação do pensamento social de organização.

Em seu texto Moscovici (op. cit., p. 42-43) traz as colocações de Kummer e Kurt a respeito da observação de coletividades primatas (apenas símios), que dividem estas sociedades em dois tipos puros: a sociedade clique e a sociedade de camaradagem. A primeira, de acordo com este autor é a sociedade de “um só macho dominante”, constituída por um sucessor de direito, que na falta do “alfa” pode substituí-lo em suas tarefas reprodutivas, assim o autor coloca que a designação não é feliz, uma vez que se refere ao caráter sexual e não a função.

A segunda sociedade, de camaradagem, é a aquela que partilha habitualmente atividades comuns, não existe líder e sua formação é composta da contribuição de todos os machos adultos, de fêmeas com seus filhotes e de adolescentes. Esta é o modelo de sociedade mais parecido com o legado hereditário do modelo usado pelo homem para se organizar.

Para melhor compreensão do gênero humano é preciso estarmos atentos, aos fatos e acontecimentos do passado, ou seja, à história, para entendermos como se dá a organização social presente e como sem ela seria difícil e até impossível imaginar a existência harmônica do homem, pois, como já disse Moscovici (1975, p. 18), “a sociedade é um mal necessário”. Afirmando, assim, o porquê de o homem encontrar no meio natural a fórmula de sociedade e a função para controlar e demarcar seu espaço social.

O homem, sabendo que está em estado de sociedade, continua hoje com alguns comportamentos orientados por regras tradicionais e coletivas dos primeiros primatas, mas renunciando a um estado de liberdade primitiva, para uma vida mais salutar, consolidando sua liderança natural. Entre suas conquistas e progressos, o homem aprendeu a comercializar e como moeda de troca também utilizou a mulher como meio de barganha em casamentos, alianças políticas, etc.

A estratégia desta sociedade, com a presença da mulher, mostra que sua participação inicial já é inerente ao esquema social pré-existente, pois a “coisificação” da mulher como objeto se mostra desde tempos primitivos. A sua importância se dava como moeda de troca, porque era vista desta forma: “a mulher é um objeto vivo, apropriável como recurso raro. Os fornecedores e os receptores de mulheres incluem-nas em suas transações, quer no lugar de outros bens, quer misturada a eles” (LÉVI-STRAUSS, 1964 *apud* MOSCOVICI, 1975, p. 19).

Contudo, no decorrer de nossa história evolutiva, a mulher nunca esteve em pé de igualdade com o homem, situação que vem mudando nos dias atuais com o advento de políticas e iniciativas que favorecem a mulher na sociedade, como a Lei Maria da Penha, a Delegacia da Mulher e a Rede Mulher Empreendedora, uma plataforma de serviços que tem como objetivo unir e apoiar as mulheres empreendedoras brasileiras no desenvolvimento do seu negócio. De uma maneira geral, nas sociedades ocidentais, sua posição sempre foi inferior, com regras já estabelecidas pela sociedade formada por homens, não tendo autonomia de decisão.

Não exclusivamente, já no século XX, Lévi-Strauss (1964 *apud* MOSCOVICI, 1975, p. 19) apontava, por meio de observações, que o homem podia negociar a mulher do jeito que quisesse ou bem entendesse e ela por sua vez tinha que seguir todas as regras sociais e decisões tomadas para sua vida. Nesta sociedade, formada da coletividade, descrita pelo autor

citado, a mulher deveria seguir regras de acordos de propriedades e de poder segundo um critério sexual e até hoje, as regras são implícitas nas relações mais subversivas. Pode-se confirmar no pensamento do autor que: “a castidade das mulheres tem importância primordial, pois toda a propriedade depende desse ponto” (BOSWELL, 1964 *apud* MOSCOVICI 1975, p. 19).

Este paradigma de castidade da mulher encontra-se implícito e intrínseco na sociedade, enraizado em todo o tempo da história. É em função desta e outras relações de poder ligadas à virgindade que nascem oposições, contradições e diferenças entre homem e mulher, levando ao melhor entendimento da dominação masculina exercida socialmente. À mulher, restaria apenas uma liberdade imperfeita.

## 1.2 A representação dos sujeitos na sociedade

Todo sujeito que queira de alguma forma levantar questões sobre a sociedade terá que conhecer a história da representação social, amparado por Moscovici (2003), que nos traz considerações relevantes a respeito de como compreender o mundo e suas representações. Ao falarmos do medo instintivo do homem e de poderes que ele não poderia controlar e as tentativas para compensar imaginativamente as contribuições da organização humana, se delimitam as regras da sociedade e as diferenças entre os gêneros.

O homem é sujeito de uma sociedade hierárquica, que percebe o mundo a partir da interação dos sentidos com as ideias. O que distingue o homem do mundo e suas concepções são as visões do seu espaço territorial como está definido nas palavras de Moscovici (2003, p. 30) que diz:

Nós percebemos o mundo tal como é e todas as percepções, ideias e atribuições são respostas a estímulos do ambiente físico ou quase-físico, em que nós vivemos. O que nos distingue é a necessidade de avaliar seres e objetos corretamente, de compreender a realidade completamente; e o que distingue o meio ambiente é sua autonomia, sua independência com respeito a nós, ou mesmo, poder-se-ia dizer, sua indiferença com respeito a nós e a nossas necessidades e desejos.

Essa ideia da concepção da representação nos parece mais subjetiva do que real ao que se vê a nossa frente, pois toda figura ou objeto representa algo do ser humano ou da sociedade. Então, para os sujeitos da sociedade o que dará significado aos objetos é o modo como sua representação é percebida, isto é, a exterioridade das coisas leva a diferentes interpretações.

A representação social deste autor está imbuída de tudo aquilo que separa o homem das coisas ou do mundo. Percebemos a sua posição histórica de sujeito devido sua ação com

os outros, ou com as coisas representadas a sua frente, como escreveu Moscovici (2003, p. 32):

De fato, nós experienciamos e percebemos um mundo em que, em um extremo, nós estamos familiarizados com coisas feitas pelos homens e, no outro extremo, com substitutos por estímulos cujos originais, seus equivalentes naturais, tais como partículas ou genes, nós nunca veremos. Assim que nos encontramos, por vezes, em um dilema onde necessitamos um ou outro signo, que auxiliará a distinguir uma representação de outra, ou uma representação do que ela representa, isto é, um signo que nos dirá: “Essa é uma representação”, ou “Essa não é uma representação”.

Assim, todas as representações estão diretamente ligadas às condições de relação de vida do homem com seu meio social. Para isto, busca signos que demonstrem esta relação e que lhe diga algo ou direcione para onde ir.

Em paralelo com a representação, a identidade também está presente nas relações de formação do homem e da mulher, como sujeitos de uma sociedade em constante construção e transformação. Como disse Bogo (2010, p. 32) “tudo o que existe tende para um vir a ser, mesmo que não saibamos o que será”. Com isto, entendemos que as identidades são construídas ao longo da história, pois cada pessoa passa por uma formação de sentidos, que vão sendo estabelecidas cultural, social e ideologicamente. Para o homem, a vivência está diretamente ligada a sua relação com a natureza, porque ainda segundo o autor, “o homem faz parte [dela] com suas particularidades de gênero e, ao mesmo tempo, por ter necessidades humanas e sociais, transformam-na, transformando-se a si próprios”.

Desta forma, o homem se torna sujeito para existir e assume um espaço na história, transformando-a por meio de sua ideologia.

### **1.3 Relevância da dominação masculina sobre a mulher**

Como vimos em Moscovici (1975), a partir do momento em que o homem aprendeu a conviver com a natureza e extrair dela tudo o que sabe, surge a noção de dominação sobre os outros seres. Comparamos a sociedade capitalista atual, com o histórico das transformações pelas quais se atravessou a dominação, porque silenciosamente o homem exerce sua dominação.

Esta predominância acaba se evidenciando nas oposições que acontecem entre palavras e ações, como em situações de alto/baixo, duro/mole. Bourdieu (2011, p. 16) afirma que “semelhantes na diferença, tais oposições são suficientemente concordes para se sustentarem mutuamente [...]”. Isto implica dizer que cotidianamente é difícil perceber a dominação masculina sendo exercida integralmente.



Segundo Bassanezi (2008, p. 630) “as mulheres inteligentes ou cultas [nos anos 1950] eram incentivadas a ajudar o marido caso fosse preciso, mais deveriam fazê-lo de forma tal que o marido não se sentisse humilhado ou aborrecido por ter seu território invadido por uma mulher”. Hoje, com o crescimento da posição da mulher na sociedade, verifica-se maior independência e distanciamento das tarefas ligadas à família e ao companheiro.

Entretanto ainda há uma oposição, uma ordem vigente nas relações do homem e da mulher, para a qual é dado o papel de “cuidadora” da família (da casa) e para ele o papel do trabalho (rua) para o sustento. Sobre o que determina a ordem do curso da sociedade Bourdieu (2011, p. 18) afirma que a maneira como a sociedade está construída, os dispositivos simbólicos tendem a confirmar a dominação masculina na qual está alicerçada e vemos isto na divisão social do trabalho, que consiste na forma como as atividades são distribuídas a partir dos dois sexos, de seu local, seu movimento, seus instrumentos; é a forma como é dada a composição do espaço, com lugares opostos, o mercado, privativo aos homens, e a casa, obrigação às mulheres.

É dessa oposição que nasceram as diferenças entre os homens e as mulheres, relacionada ao poder da dominação masculina exercida socialmente, e que coíbe a ação de emancipação feminina. Essa força histórica já está enraizada por uma cultura maçante já impregnada na subjetividade popular. A separação das tarefas entre os sexos é enraizada no inconsciente popular que perdura até os dias atuais. Sobre a divisão dos sexos Bourdieu (2011, p. 17) diz que:

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado nos (corpos) e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

Com esta afirmação percebemos que há uma condição, uma imposição masculina na ordem das oposições que está no inconsciente social e na capacidade de cognição de cada um em assimilar os significados existentes por trás dessa divisão nas funções, uma vez que já está definida ou pré-estabelecida pela força da ordem social como modo de dominação exercida pelo homem.

Segundo Moscovici (1975, p.17) em meados do século XVII, o homem já se destaca no que refere a sua posição de força. Já sabemos que ele, no decorrer de sua formação social usava a mulher como meio de troca, o que permitia ao homem acumular bens, capital social e o status simbólico por meio de casamentos, que firmavam acordos que expressavam sua

masculinidade simbólica em um mundo marcado por uma visão masculina (BOURDIEU, 2011, p. 117-118).

No entanto, percebemos que o homem foi aprendendo que a mulher valia bem mais do que aquilo que lhe parecia. Por meio dela, foram feitas alianças e acordos de bens simbólicos, como nos casamentos que visavam à reprodução de herdeiros que perpetuassem seu capital simbólico. Como para as mulheres não eram permitidas muitas ações sociais, era visível a submissão e aceitação dos acordos estabelecidos, já que eram feitos entre os homens, geralmente pai ou marido. O que prova Bourdieu (2011, p. 116) quando diz:

Excluídas do universo das coisas sérias, dos assuntos públicos, e mais especialmente dos econômicos, as mulheres ficaram durante muito tempo confinadas ao universo doméstico e às atividades associadas à reprodução biológica e social da descendência; atividades que [...] só o são realmente [reconhecidas] enquanto permanecem subordinadas às atividades de produção, as únicas que recebem uma verdadeira sanção econômica e social, e organizadas em relação aos interesses materiais e simbólicos da descendência, isto é, dos homens.

Outra forma de dominação exercida sobre a mulher está na relação sexual, muitas ocultam o prazer por medo da reação da sociedade. Como afirma Perrot (2003, p.16), “para elas, não há rito de passagem; apenas uma transmissão de mãe para filha [...], a vida sexual feminina é diferenciada, e permanece oculta até os dias atuais”. Podemos relacionar essa ação de poder masculino sobre a mulher nas relações em que o prazer sexual é tido de forma escondida. Como exemplo a primeira relação sexual feminina à noite de núpcias, em que para o homem é como ganhar um “troféu”, pois ele fora o primeiro e essa defloração passa a confirmar a dominação masculina sobre a posse do outro, como outrora no passado.

Entretanto, a dominação masculina exercida nas relações íntimas gera o silêncio, uma violência simbólica que muitas mulheres, de um modo bem particular, sentem na própria “pele”. Bourdieu (2011, p. 46) diz que “ênfatisar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física e (fazer) esquecer que há mulheres espancadas, exploradas, ou, o que ainda é pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência”. O silêncio feminino é a forma de opressão pela qual se aprendeu a modelar as mulheres, como meros objetos de desejo e poder.

A virilidade masculina deve ser porção de sua potência sexual, como a defloração da noiva. Isto é a prova de que “o falo, sempre presente metaforicamente, mas muito raramente nomeado e nomeável, concentre todas as fantasias coletivas de potência fecundante.” (BOURDIEU, 2011, p. 20). O que prova no fim toda a masculinidade de que o homem é realmente homem.

Estando diretamente ligado à potencialidade masculina, o falo representa a força metafórica da virilidade que lembram forças de expressão relacionadas ao ato sexual em situações adversas ou opostas, expressando ideias dos atos cometidos, como em situações de cheio/vazio, antes/depois, superior/inferior. Essa relação lembra a ereção masculina e a fecundação feminina, tanto um como o outro passam pelo processo de “encher-se” e logo depois “esvaziar-se”.

Com a afirmação a seguir podemos perceber que as identidades são formadas ao longo da existência humana. E que a capacidade cognitiva e subjetiva do ser humano passa por uma formação de sentidos, que vão sendo estabelecidas cultural, social e ideologicamente. Dentro desse paradigma das oposições Bogo (2010, p. 36) coloca:

A identidade, por sua vez, manifesta-se pela unicidade entre natureza e cultura em oposição à outra identidade. A existência física é reconhecida por certas características próprias de cada ser, forjadas pelo movimento da matéria e, no caso dos seres humanos, pela capacidade de ação e imaginação.

Entretanto, mesmo o homem e a mulher sendo sujeitos da sociedade e estando em constante transformação, a dominação masculina ainda permanece presente implicitamente nas relações íntimas. Passam a existir, então, as marcas da dominação, do discurso autoritário e de poder. É conforme essa perspectiva que observamos as posições dos sujeitos presentes no discurso musical: sujeito social, sujeito locutor (que fala) e o sujeito interlocutor (que ouve). Estas questões serão vistas com maior profundidade nas discussões de análise do discurso que se apresentam a seguir.

#### **1.4 Análise do discurso como dispositivo de interpretação**

Neste tópico nosso propósito é fazer uma análise acerca do conceito da Análise do Discurso. A linha de pesquisa da Análise de Discurso surgiu na década de 1960 do século XX, por Michel Pêcheux fundador da escola francesa de análise de discurso. No Brasil, o estudo em análise de discurso chega por volta dos anos 1990, com os estudos de Eni Orlandi, sua precursora.

De acordo com Fernandes (2007, p. 18) “discurso implica uma exterioridade da língua. Encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística.” Com isso o discurso não está apenas na língua, envolve também o contexto histórico e social em que estão inseridos os sujeitos que promovem o movimento discursivo. Como afirma Amaral (2007, p. 20) o discurso busca mostrar a representação do sujeito social enquanto

enunciador daquilo que produz, porque o que investigamos é o texto. O discurso que é carregado de sentido, ideologia, e fatos sócio-históricos, marcando o lugar do sujeito que é interpelado no interdiscurso (dele com o outro, e ele mesmo).

Diante desse entendimento do discurso em nossa sociedade, os lugares e espaços de homens e mulheres são divididos de acordo com suas obrigações e tarefas. A mulher nessa situação de “sujeito social” não é diferente. Se observarmos a música “Esse Cara Sou Eu”, o sujeito locutor, regendo a ordem do discurso, determina a maioria das ações de poder para com o sujeito interlocutor, que ocupa uma posição mais passiva.

Sobre a posição dos objetos no discurso Orlandi (2012, p. 26) afirma que “a Análise do Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos.” Isto nos faz entender como o discurso se organiza e vem proporcionar o melhor entendimento existente na significância e organização do discurso.

A análise do discurso tem ação preponderante, uma vez que permite marcar o lugar de onde o sujeito fala e age. É o seu “eu” sujeito social marcando sua ideologia de vida e a história que o circunda. Sobre a Análise de Discurso Amaral (2007, p. 17) vem nos dizer que “na análise de discurso, o ‘sujeito – falante’ recebe uma leitura (interpretação), tanto em termos linguísticos como ideológicos”. Dessa forma, é o sujeito que no discurso é quem produz ou reproduz a ação na história. O sujeito faz uma interpretação e reproduz o discurso conforme seu entendimento particular, influenciando enquanto é influenciado.

Contudo, a afirmação está em acordo com Orlandi (2012, p. 15) para quem “a análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”. Essa mediação que está em pleno funcionamento no discurso, tornando possível tanto a permanência e a continuidade quanto ao deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

Isso significa dizer que o sujeito é enunciador de suas produções de enunciação, que se encontram no social, impregnadas de sentido quando são pronunciadas por esse sujeito social, mas também, a partir daí, com a presença de diferentes discursos na ação histórica, o discurso passa a estar carregado de ideologias, que irão influenciar ou nortear a posição do sujeito com relação a determinado tema.

Antes de prosseguirmos com a explanação, foi interessante conceituar alguns termos necessários ao melhor entendimento do trabalho em si. **Sujeito** ou **sujeito discursivo** deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo, não

fundamentado em uma individualidade, mas sim com existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história (FERNANDES, 2007, p. 33). **Ideologia** vem a ser uma concepção de mundo de determinado grupo social em uma circunstância histórica, revelada em diferentes discursos (FERNANDES, 2007, p. 29).

Por fim, **formação discursiva** “refere-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social [...]; trata-se da possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição (FERNANDES, 2007, p. 64). Ainda segundo o autor (op. cit., p. 65), **formação ideológica** é o “conjunto complexo de atividades e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam diretamente às posições de classes em conflito”.

Para compreendermos como se dá o conceito de sujeito, integramos a noção de formação discursiva, que permite compreender o processo de produção de sentidos e sua relação com a ideologia, permitindo estabelecer as regularidades no funcionamento do discurso: determina o que pode e deve ser dito (ORLANDI, 2012, p. 43). O sentido será então, compreendido como efeito de sentido entre os sujeitos em interlocução. Dependendo das palavras e de suas posições, esses sentidos são produzidos em decorrência da ideologia dos sujeitos movido da realidade social e suas práticas socioculturais nas quais estão inseridos.

Com relação aos efeitos de sentidos produzidos dentro de um texto de análise do discurso, as condições de produção disponíveis irão envolver fundamentalmente os sujeitos e a situação social e histórica. As palavras vão ganhando sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos interlocutores se inscrevem dentro do texto, como afirma Pêcheux (1975 *apud* ORLANDI, 2012 p. 44):

O sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e é por este relacionamento, essa superposição, essa transferência (metaphora), que elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se revestem de um sentido.

Como o discurso implica uma exterioridade à língua, na afirmação de Fernandes (2007, p. 18), o sujeito é encontrado nas relações de aspectos sociais e ideológicos que acabam sendo impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. Portanto, é o sujeito social que permite que haja um fluxo na significância do discurso. Pela ideologia pode-se perceber que o discurso acontece não na língua, mas na sua exterioridade da língua, o que vai contribuir para que haja a análise e interpretação do texto. Orlandi (2012, p. 45) afirma que o sujeito se constitui por uma interpelação, que se dá ideologicamente pela sua inscrição em

uma formação discursiva, e que permite ao analista do discurso um grau de precisão elevado na definição de conceitos que se quer dar a interpretação.

No entanto, a ideologia e o sentido fazem parte da condição e constituição do sujeito. Porque o indivíduo só é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer (ORLANDI, 2012, p. 46). A ideologia está presente nas situações de interpelação do sujeito e na formação discursiva do mesmo, mas o sentido é quem faz com que as palavras funcionem e interpele pela ideologia o sujeito, havendo assim uma ligação à situação vivenciada pelo sujeito que interage no discurso. É um processo das condições de produção histórico-sociais que envolvem o discurso. Não é a língua, nem o texto, nem a fala que definem o discurso (FERNANDES, 2007, p. 18), mas a exterioridade que está além das palavras, envolvendo o seio da vida social, sendo necessário dirigir-se a este espaço para melhor compreender os enunciados do discurso.

A exterioridade do discurso é marcada por um sujeito discursivo interpelado pelos resultados da compreensão de objetos simbólicos que produzem sentidos, assim como o objeto de interpretação deste trabalho, ao verificarmos a dominação masculina sobre a mulher enquanto sujeito discursivo imbuído de memórias de outros discursos que influenciam sua percepção.

#### ***1.4.1 A memória no Discurso***

Na análise do discurso, a memória tem características que fazem parte da produção do discurso. A memória é que válida as condições de produção do sujeito no interdiscurso. Nessa perspectiva, a memória é tratada como aquilo que já foi dito antes, em outro lugar, é o que a Análise do Discurso chama de memória discursiva. É o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do já dito anteriormente, dando sustentação a cada tomada da palavra. Ao discutir o desejo, Fernandes (2007, p. 43) cita Authier-Revuz (1982) que trabalha a designação Outro: “Esse ‘Outro’ em contraposição ao ‘outro’ (minúsculo) que designa [...] o social constitutivo do sujeito, refere-se ao desejo e sua manifestação pelo inconsciente, sob a forma de linguagem.

Desta relação entende-se que o sujeito de desejo - que está no inconsciente - influencia as posições sociais e ideológicas do sujeito interlocutor. Segundo Orlandi (2009, p. 32) “o fato de que há um já-dito sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia”. Contudo, o que podemos dizer é que os sentidos convocados pela memória fazem com que os

sujeitos evoquem experiências que marcaram suas vidas. O discurso já dito anteriormente fica evidente e ganha significado nas palavras do sujeito que fala.

Para compreender melhor o papel da memória no discurso, tomemos como exemplo a música “Esse Cara Sou Eu”, interpretada por Roberto Carlos. O sujeito presente é interpelado por um discurso sócio-histórico. O “eu” que enuncia é um sujeito social que repete várias vezes a mesma frase (esse cara sou eu), para mostrar a relação de poder que há, em um “eu” que quer convencer quem o ouve, um “tu/você” que é o outro sujeito, de que ele é “o cara”. Esta atitude do sujeito não é tão percebida, por que quem está falando é o seu sujeito de desejo, e este sujeito coloca o interlocutor na posição de assujeitado. A música será melhor trabalhada no tópico a seguir.

## **2 ANÁLISE DOS DADOS**

Passaremos ao estudo da análise da música objeto deste trabalho: o compositor e interprete Roberto Carlos, conhecido popularmente como “O REI”, compôs a música “Esse Cara Sou EU” em 2012, quando foi usada como tema romântico na novela “Salve Jorge” de Glória Perez, na Rede Globo. Inserido na música popular brasileira, este artista já passou pelo rock e pela Jovem Guarda em 1960, sempre fazendo sucesso com suas músicas, marcando também a vida das pessoas. Sempre faz dedicações à mulheres em suas músicas “românticas”. Deve-se levar em consideração que sua carreira midiática é bem alicerçada e suas músicas são ouvidas pelas várias gerações. Muitas das canções foram escritas e compostas em conjunto com seu amigo e também cantor, Erasmo Carlos.

### **2.1 A música: “Esse Cara Sou Eu” - O discurso unilateral**

O homem é o sujeito responsável por muitas das ações sociais que compreendem a dominação existente e o modo de pensar a construção social, da qual temos conhecimento. No paradigma da música, a mulher vem ocupar melhor a posição de sujeito interlocutor, por estar mais em conformidade com a dominação social exercida pelo homem. No contexto do diálogo, homem e mulher são sujeitos sociais se posicionando em sujeito locutor que fala e o sujeito interlocutor que ouve. Queremos assim mostrar o discurso presente na música “Esse Cara Sou Eu”.

Na música observamos o discurso amoroso da entrega, do desejo, da parceria, da obsessão e do domínio, como pontos que confirmam a relação unilateral entre o sujeito e o

interlocutor. A demonstração da unilateralidade desse discurso amoroso é o que prova a opressão, e o silêncio do sujeito que sofre a ação do seu companheiro. A música é composta por nove estrofes, e uma delas é formada por um refrão repetindo o mesmo verso, que expressa evidentemente um discurso pretensioso do sujeito locutor, que é antes de tudo “auto-suficiente”. Vejamos o refrão da música:

*Esse Cara Sou Eu*  
*Esse Cara Sou Eu*  
*Esse Cara Sou Eu*  
*Esse Cara Sou Eu*

Observamos de início o sujeito locutor (eu - o cara), começando o diálogo com seu interlocutor (você), dizendo que: “Esse Cara Sou Eu”. Este discurso mostra um sujeito que está imbuído de suas qualidades (cheio de si próprio), alguém de quem só se espera o melhor, como ele próprio se denomina: o cara. Cabe acrescentar que a palavra “cara” vem do grego *kára*, que de acordo com o Dicionário Michaelis significa: rosto, face; expressão do rosto, fisionomia, semblante; audácia, atrevimento, ousadia. Porém, se olharmos para a palavra “cara” à luz da AD, percebemos que está cheia de significações, de sentidos contrários que determinam seu significado. O “cara” representa alguém dissimulado, falseado (face - duas caras) ou mascarado, que oculta algo. Logo, tanta demonstração de amor, carinho, cuidado e zelo pelo outro esconde alguém que não quer realmente ser visto como é verdadeiramente. Podemos notar isto nas estrofes “o cara que sempre te espera sorrindo”, “Que abra a porta do carro quando você vem vindo”, é possível criar uma imagem deste “cara” que faz toda ação. Podemos visualizar alguém com um sorriso no canto da boca, o que nos remota uma ideia de pessoa artificial. Por esta designação podemos perceber que o sujeito locutor não se intimida, e procura revelar, mesmo inconscientemente, os traços que estão ligados ao seu sujeito de desejo, que acaba por dizer o que pensa e o que quer.

Segundo Orlandi (2012, p. 32) “o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele”. Esta afirmação do sujeito que pensa, mostra que o sujeito falante verbaliza tudo aquilo que acha saber, sem saber que o que diz está repleto de ideologia e história, pois ele é sempre influenciado pelo contexto no qual o sujeito está inserido. Podemos assim observar e descrever o discurso presente na música como um discurso que confirma a existência de um sujeito compulsivo, dependente e dominador; estes sentimentos demonstram sinal de controle sobre o outro que é seu interlocutor, isto está bem presente na primeira estrofe que diz:



*O cara que pensa em você toda hora  
Que conta os segundos se você demora  
Que está todo o tempo querendo te ver  
Porque já não sabe ficar sem você*

Esta estrofe está carregada de um discurso de dependência afetiva, de persuasão sobre o outro e quem controla o que sente e o que vive é o sujeito locutor responsável por esse amor que acontece de forma unilateral. Bourdieu (2011, p. 131-132) falando sobre o amor diz que “ele existe suficientemente, apesar de tudo, sobretudo nas mulheres, para poder ser instituído em norma, ou ideal prático, digno de ser perseguido por ele mesmo e pelas experiências de exceção que ele traz”. Entretanto, estas atitudes do sujeito locutor querem sempre deixar claro sua posição de dominador, e assim temos no senso comum que o amor é para as mulheres, e o sexo para os homens. Desta forma se “conta os segundos se você demora”, no silêncio o interlocutor sente-se pressionado por ter sua liberdade condicionada, tendo que viver apenas em função do locutor, devotando paixão mesmo estando distante.

Podemos perceber também que o sujeito que ama demais vai deixando implicitamente, não uma posição, mas suas imagens que surgem do discurso na forma de projeções. Conforme completa Orlandi (2011, p. 40) “são essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos - para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição”. Portanto, o sujeito inserido no discurso deixa claro sua posição de dependência quando diz: “porque já não sabe ficar sem você”, aqui o sujeito interlocutor não tem como negar que é dominado pelo sujeito locutor (eu), um amor que dá a ideia do “amor perfeito”, o lugar e sua posição de sujeito no discurso está bem definido.

Todavia, o discurso continua na linha do apaixonado mostrando que produz um discurso em torno do ser amado devotado ao desejo e à entrega total ao outro. Percebemos que a ideologia social e histórica, que está para o imaginário destes sujeitos, faz com que o sujeito interlocutor se torne um assujeitado da dependência do outro. Um quadro que se evidencia claramente nas seguintes estrofes:

*E no meio da noite te chama  
Pra dizer que te ama  
Esse cara sou eu*

*O cara que pega você pelo braço  
Esbarra em quem for que interrompa seus passos  
Está do seu lado pro que der e vier  
O herói esperado por toda mulher.*

*Por você ele encara o perigo  
Seu melhor amigo  
Esse cara sou eu*

No verso “O herói esperado por toda mulher” da 3ª estrofe percebemos a evidência de um sujeito locutor ligado a história mitológica que perpassa pela ideologia do senso comum de “príncipe do cavalo branco”. Na visão do sujeito locutor toda mulher espera por este “herói”, para salva-lá de qualquer perigo, e assim, o sujeito interlocutor é condicionado a acreditar nesta idéia.

Percebemos nas estrofes que o sujeito locutor fala do desejo que sente pelo outro, deixando escapar traços de dominação sendo exercida no interlocutor, este que embora não se pronuncie, também está presente na música. Notamos ainda a violência exercida, bem à mostra no verso “pega você pelo braço”, que é pronunciada pelo sujeito locutor dando a ideia de um sujeito que tem a violência nos atos, ficando bem implícito a posse sobre o outro. Recordando Bourdieu (2011, p. 138), que fala como se apresenta a dominação íntima:

As forças que suspeitamos agir na obscuridade e no segredo das relações íntimas (“ditas ao ouvido”) e que prendem os homens com a magia dos arroubos da paixão, fazendo-os esquecer dos deveres ligados a sua dignidade social, determinam uma inversão na relação de dominação; é condenada como uma falta contra a natureza e destinada, como tal, a reforçar a mitologia androcêntrica.

Para entrarmos em concordância também com a Análise do Discurso em relação às estrofes já mencionadas, Orlandi (2012, p. 17) nos diz que: “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia.” A autora confirma que o sujeito está diretamente relacionado com sua ideologia, por meio do discurso exercido entre os sujeitos falantes.

Porque todo sujeito é interpelado por uma ação social e histórica de sua formação, e trás em si marcas de suas ideologias, pois cada sujeito tem uma visão determinada do mundo. Sendo assim, observamos os sinais ideológicos que formam este sujeito a partir da história na qual está inserido. Ainda nas palavras da autora, é dentro do discurso ideológico que observamos os acontecimentos provocados pela ideologia, que é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. Sendo assim toda pessoa é interpelada em sujeito pela ideologia para que produza o dizer (ORLANDI, 2012, p. 46).

As palavras no discurso são carregadas de sentidos e de posições sociais e ideológicas, sendo que para essa abordagem o sujeito interlocutor, enquanto sujeito assujeitado na música, não se manifesta, se mostra condizente à situação em que se encontra, não há em nenhum momento uma manifestação clara deste sujeito na letra da música. O que há é um sujeito que

é usado e tido muitas vezes como objeto da satisfação do desejo do outro como em “E no meio da noite te chama”, fazendo referência às relações íntimas de um casal. Esse sujeito interlocutor é a representação de muitas mulheres que não agem e não lutam por um espaço social no qual elas serão ouvidas. Mas, durante o silêncio que resulta da ação do locutor, ela aparece apenas como o sujeito de um discurso machista, em que só ela lhe dá prazer e não fica claro se a mesma o sente. Este discurso social, no qual está evidente e presente a posição de um sujeito dominador e obstinado a confirmar por meio do sentimento amoroso e de sua masculinidade sobre o sujeito interlocutor que, no caso, é a mulher.

O discurso subjacente na letra da música é o de que o sujeito é compulsivo, dependente e dominador, uma vez que o sujeito interlocutor não permite nenhuma atitude, a não ser de assujeitamento daquela situação. Por isso diz-se que o sujeito é interpelado por discursos exteriores. A presença dos verbos “pensa, conta, querendo e ficar”, demonstra que este sujeito locutor é dependente do outro e que nesta relação, a mulher sempre lhe parecerá submissa e sem vontade própria. Para ele a ideia do “amor perfeito”.

O amor idealizado na música acaba por trazer à tona verdades esquecidas pelo sujeito, mas que marcam profundamente a visão romanesca dos sujeitos inseridos nos discursos, por meio do interdiscurso (presença de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos) como afirmar Orlandi (2012, p.33) “o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”. Notamos então no discurso musical que o sujeito locutor exerce sobre o outro uma manipulação que não é percebida ao ser pronunciada, mais que é dito de outra forma ligando o discurso à história da dominação masculina. Percebemos isto nas seguintes estrofes:

*O cara que ama você do seu jeito  
Que depois do amor você se deita em seu peito  
Te acaricia os cabelos, te fala de amor  
Te fala outras coisas, te causa calor*

*De manhã você acorda feliz  
Num sorriso que diz  
Que esse cara sou eu  
Esse cara sou eu.*

O sujeito locutor faz menção à história do homem na natureza, quando usava a mulher em benefício próprio para obter prestígio e capital social, quando diz “o cara que ama você do seu jeito”. Nestas palavras pronunciadas pelo sujeito locutor, mesmo o interlocutor tendo um passado ou um presente obscuro, quer convencer-nos de que a posição social do sujeito

interlocutor não tem importância, pois ele o amará do “seu jeito”. A confirmação deste pensamento se comprova no que Moscovici (1975, p. 19) relata sobre as relações de permuta:

Mas essa regra pressupõe e perpetua uma subordinação das mulheres aos homens. O casamento, enquanto permuta, realiza-se entre dois grupos de homens: a mulher é o objeto que se permuta, o índice físico e simbólico expressando a relação que se estabelece ou se renova nessa ocasião. O teatro social compreende unicamente atores masculinos, enquanto o dado feminino oferece apenas os materiais de que ele necessita.

Entretanto, os elementos da afirmação do autor leva a crer que quando relacionada à análise do discurso observa-se o que acontece entre os sujeitos nestas estrofes, que o sujeito locutor está todo o tempo na posição de dominador, e que o sujeito interlocutor é o dominado estando implícito no discurso. Pois parece ter uma marca de opressão na representação dos sujeitos que devem seguir as regras sociais e os acordos entre os sujeitos, no caso entre os homens.

Nessa divisão das funções cada um é colocado no discurso de acordo com sua importância (quem tem mais valor). É nesta relação de superior e inferior que se mostra a violência simbólica sobre os sujeitos interlocutores, representados de forma silenciosa no discurso da música.

## 2.2 O não dito do discurso

Já observamos na interpretação do texto que o sujeito locutor no discurso, além de ter uma presunção, sufoca o seu interlocutor. Ao envolver diferentes discursos de diferentes épocas, este movimento está para o interdiscurso, já que a ação de suas palavras pronunciadas, o levam para outros lugares da posição do sujeito na história. Assim, podemos observar uma forma de sufocamento no artifício do sujeito locutor que toma a voz do interlocutor, que no caso é a segunda pessoa do singular do pronome oblíquo (te), que corresponde a (tu), fazendo isto em versos das estrofes 5<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> como a seguir:

*Te acaricia os cabelos, te fala de amor;  
Te fala outras coisas, te causa calor. (5<sup>a</sup> estrofe)  
Que te faz feliz e que te adora (7<sup>a</sup> estrofe)  
Te beija na boca, te abraça feliz  
Apaixonado te olha e te diz  
Ele te ama. (8<sup>a</sup> estrofe)*

No entanto, o sujeito locutor toma posse da posição do outro, mostrando, assim, um discurso do “eu” que domina um desespero para afirmar que só ele pode acariciar, falar, abraçar, causar, fazer, olhar, dizer, beijar e amar o ser amado. Percebemos aqui que o sujeito interlocutor não reage, não expressa atitude de discordância para com seu amado, o sujeito locutor.

Assim, a análise do discurso visa interpretar cada um dos elementos que marcam ou mostram o discurso presente na música, mesmo o que está para o não dizer. Como nas minúcias que provam o silêncio do interlocutor e a pretensão por parte do sujeito locutor. Como diz Orlandi (2012, p.83) que há outra forma de trabalhar o não-dito na análise do discurso, “trata-se do silêncio fundador: silêncio que indica que o sentido pode sempre ser outro. Mas, há outras formas de silêncio que atravessam as palavras, que “falam” por elas, que as calam”, como nas estrofes seguintes:

*Eu sou o cara certo pra você  
Que te faz feliz e que te adora  
Que enxuga seu pranto quando você chora  
Esse cara sou eu  
Esse cara sou eu*

*O cara que sempre te espera sorrindo  
Que abre a porta do carro quando você vem vindo  
Te beija na boca, te abraça feliz  
Apaixonado te olha e te diz  
Que sentiu sua falta e reclama  
Ele te ama*

O silêncio presente nas estrofes demonstra a relação de poder do sujeito locutor sobre o sujeito interlocutor como assujeitado. Entende-se que o sujeito locutor deixa evidente o seu sujeito de desejo (que está no inconsciente), influenciando nas posições sociais e ideológicas do sujeito interlocutor, quando o leva a “acordar feliz” e com um “sorriso que diz”, “que sentiu sua falta e reclama”. A presença do verbo “reclamar” deixa claro o silêncio imposto nesta relação entre os sujeitos. Podemos notar um sujeito que é silenciado, por várias vezes em atitudes aparentemente românticas, que não deixam o interlocutor perceber que está sendo usado e tido como objeto da satisfação de um desejo do outro. Bourdieu (2011, p. 129) ao caracterizar o amor diz que “é dominação aceita, não percebida como tal e praticamente reconhecida, na paixão, feliz ou infeliz”.

O silêncio percebido na música é a representação de muitas mulheres, que como sujeitos interlocutores, sofrem a ação dos homens como sujeitos locutores, e por esta razão não agem e

não lutam por um espaço social representativo. Por isso, os sujeitos sociais representados estabelecem uma correlação com a sociedade, no discurso do “eu” que quer convencer quem o ouve “tu” ou outro sujeito, de que ele é “o cara”, essa atitude do sujeito não perceptível a ele mesmo, por que quem está falando é o seu sujeito de desejo. E esse sujeito coloca o interlocutor na posição de assujeitado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Observamos que foi obtido êxito na análise ao elucidar a dominação masculina e a representação da mulher na música objeto do trabalho. O processo da dominação masculina se inicia no âmbito social e a AD nos ajuda a apontar a sociedade como ponto de partida da inferiorização da mulher, não é um processo natural, mas uma construção do homem através da história. Na música, a dominação masculina se evidencia por meio da unilateralidade do discurso, em que temos o uso de vocábulos que deixam clara a idéia de machismo e superioridade do sujeito locutor. A mulher se submete não conscientemente, mas pela ordem social dada, uma vez que é sempre tida como inferior e sem expressividade.

Ao analisarmos o texto da música “Esse Cara sou Eu” de Roberto Carlos observamos que seria preciso adjetivar de diversas maneiras o sujeito locutor, pois no discurso encontram-se presentes as ideias de amor, de entrega, desejo e parceria, mas também da obsessão, do domínio e da dependência. A unilateralidade do sujeito que fala na música é que vai garantindo a predominância de traços de dominação sobre o outro sujeito, o interlocutor, que concluímos se tratar de alguém que fala apenas pelo silêncio que lhe é imposto.

Com o sujeito que fala estando sempre condicionado às complexidades de seu contexto social, o que é dito, deixa de lhe pertencer e foge do seu controle. Sendo assim, conforme o sujeito locutor repete por diversas vezes “esse cara sou eu”, o discurso de predominância da sua vontade é ressaltado, mas por inferência apontamos que a fala do outro é intencionalmente apagada ou silenciada, cabendo-lhe apenas um papel de passividade, daí entendemos que o interlocutor encontra-se assujeitado no texto da música.

A voz do sujeito que é calado, parece mostra-se condizente com a situação a qual se encontra, mas podemos acrescentar que o contexto social no qual está inserido encontra-se repleto de ideologia machista que o levam a se comportar, mesmo que inconscientemente, de forma condizente com relação às ações do outro. O discurso carregado de sentidos nos leva a enxergar este sujeito interlocutor como objeto de satisfação do desejo carnal. Entendemos existir a coisificação do ser humano, na medida em que ele é levado a tratar e ser tratado

como um mero objeto que pode ou não ser usado e descartado. Esse parece ser um mal da sociedade atual, uma vez que os valores estão se deteriorando e mudando drasticamente.

Por vezes, deixando o imaginário e as projeções dos sujeitos, isso também acontece na vida social, em que a mulher tem seus interesses e desejos em segundo plano, ou pelo menos diminuído em comparação aos homens. Mas também é fato que as conquistas e contribuições femininas a que chegamos neste século superam em abundância os abusos sofridos no decorrer da história. Nunca a mulher teve tanta importância na sociedade, e apesar dos textos que a colocam em posição discursiva inferior, como o que aqui foi trabalhado, os cenários para médio e longo prazo garantem crescimento acentuado da atuação delas nas diversas áreas produtivas. Conforme podemos confirmar em revistas de negócios, hoje vemos diversas empresas compostas em sua maioria por mulheres, como é o caso do Boticário (67% do quadro de funcionários), ou mulheres que presidem empresas multinacionais, ou ainda, que se tornaram bilionárias.

## **ABSTRACT**

Man and woman together are responsible for the formation and organization of society as we know it today. Throughout history, it was perceiving the predominance of the will of man (male) on the nature and social relations, and in particular on women. This male domination, materializing of various forms of superiority, whether in art, in business, at home, in music, always marked in history, sometimes more acutely, sometimes silent, even unconsciously. In this perspective it is that it is justified to carry out this work, with the main objective to analyze the representation of women in music "Este Cara Sou Eu" of Roberto Carlos. For this, we have premised the discursive subject represented in music study object, which is not the singer Roberto Carlos, but a social subject into society, participant of their problems and actions, who lives approached by other speeches. Thus, we analyze the position of speaker speaking subject and the subject party that presents itself as a listener. In the music of the discourse, the subject is an evocation based on the discourse of carnal love, but also of romantic love. The study was based on the literature on the French Discourse Analysis, social representations of male dominance, with reference to the theoretical Orlandi (2012), Moscovici (1975 and 2003) and Bourdieu (2011), respectively. Use of the dialectical method to give sustenance to the procedures used, still on up a literature and basic historical research to better work the issues raised. From the analysis of text and interpretations speech, it was revealed that the representation of women is still strongly related to male domination. Despite the achievements, women still leave the background, even if implicitly, their wishes and desires. Insofar as time passed, the man held socially and historically. While Continuous woman fighting for achievements in space shared with men.

**Keywords:** Speech Analysis. Women's Representation. Male Domination. Social Subject.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria Virgínia Borges. *O avesso do discurso: análise de práticas discursivas no campo do trabalho*. Maceió: Edufal, 2007.

BASSANEZI, Carla; PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. ed. 9. São Paulo: Contexto, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Traduzido por Maria Helena. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BOGO, Ademar. *Identidade e luta de classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

Dicionário Michaelis online. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?palavra=cara>>. Aceso em: 07 de mai. 2016.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. São Paulo: Claraluz, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONE, Marina. *Fundamentos de metodologia científica*. ed 5. São Paulo: Atlas, 2003.

MOSCOVICI, Serge. *Sociedade Contra a Natureza*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: Investigações em psicologia social*. Traduzido por Pedrinho A. Guareschi. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas-SP: Pontes Editores, 2012.

PERROT, Michele. *Os silêncios do corpo da mulher*. In: *O corpo feminino em debate*. Organizadores: Maria Izilda Santos de Matos, Rachel Soihet. São Paulo: Unesp, 2003.



## ANEXOS

### LETRA DA MÚSICA “ESSE CARA SOU EU”

*Música: Esse Cara Sou Eu*  
*Compositor: Roberto Carlos*

*O cara que pensa em você toda a hora*  
*Que conta os segundos se você demora*  
*Que está todo o tempo querendo te ver*  
*Porque já não sabe ficar sem você*

*E no meio da noite te chama*  
*Pra te dizer que te ama*  
*Esse cara sou eu*

*O cara que pega você pelo braço*  
*Esbarra em quem for que interrompa seus passos*  
*Está do seu lado pro que der e vier*  
*O herói esperado por toda mulher*

*Por você ele encara o perigo*  
*Seu melhor amigo*  
*Esse cara sou eu*

*O cara que você do seu jeito*  
*Que depois do amor você se deita em seu peito*  
*Te acaricia os cabelos, te fala de amor*  
*Te fala outras coisas, te causa calor*

*De manhã você acorda feliz*  
*Num sorriso que diz*  
*Que esse cara sou eu*  
*Esse cara sou eu*

*Eu sou o cara certo pra você*  
*Que te faz feliz e que te adora*  
*Que enxuga seu pranto quando você chora*  
*Esse cara sou eu*  
*Esse cara sou eu*

*O cara que sempre te espera sorrindo*  
*Que abre a porta do carro quando você vem vindo*  
*Te beija na boca, te abraça feliz*  
*Apaixonado, te olha e te diz*  
*Que sentiu sua falta e reclama*  
*Ele te ama. Esse cara sou eu*

*Esse cara sou eu*  
*Esse cara sou eu*  
*Esse cara sou eu*  
*Esse cara sou eu*